





## A percepção do conhecimento popular sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental (Brasil)

Maiara Galdino dos Santos <sup>1\*</sup>, Marcus Vinicius de Athaydes Liesenfeld <sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestranda em Ciências Ambientais, Centro Multidisciplinar, Universidade Federal do Acre, Brasil. (\*Autor correspondente: mayarag300@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutor em Ciências de Florestas Tropicais, Laboratório de Ecoanatomia e Ecologia Vegetal, Centro Multidisciplinar, Universidade Federal do Acre, Brasil.

*Histórico do Artigo:* Submetido em: 22/11/2025 – Revisado em: 23/12/2025 – Aceito em: 24/01/2026

### RESUMO

Conhecer a biodiversidade que nos cerca é fundamental para sua conservação, cabendo à Educação Ambiental o papel mais relevante na popularização desse conhecimento. Contudo, pessoas com disparidade de consciência manifestam uma percepção distorcida em relação às plantas, não valorizando, por exemplo, a importância das espécies frutíferas nativas. Nesse contexto, o presente estudo avaliou, por meio de questionários on-line, a percepção da população do Acre sobre o consumo de frutos nativos e exóticos. Foi obtido um total de 264 participantes, que opinaram sobre consumo de frutas no cotidiano, alteração, ou variação, da oferta de frutos comercializados nos supermercados, e tiveram testado seu conhecimento a respeito de frutas nativas (do Acre) e exóticas (ao Acre e Brasil). Para análise dos dados foi utilizada análise prototípica e de similitude, buscando relações entre as variáveis. Do total de respondentes, 97,7% consideraram importante o consumo diário de frutos, 74,3% disseram saber diferenciar frutos exóticos de frutos nativos e 51% consomem regularmente frutos. O desempenho dos participantes na identificação dos frutos nativos foi regular, revelando a dificuldade ou disparidade do conhecimento nesse tema. Sendo assim, esforços precisam ser feitos para ampliar o conhecimento sobre as espécies frutíferas nativas, sua diversificação e disseminação desse conhecimento por meio da Educação Ambiental.

**Palavras-Chaves:** Disparidade de Consciência, Biodiversidade, Frutas Nativas, Acre.

## The Perception of Popular Knowledge on Native Fruits in Western Amazonia, Brazil

### ABSTRACT

Understanding the biodiversity that surrounds us is fundamental for its conservation, and Environmental Education plays the most relevant role in popularizing this knowledge. However, people with disparities in awareness manifest a distorted perception of plants, not valuing, for example, the importance of native fruit species. In this context, the present study evaluated, through online questionnaires, the perception of the population of Acre regarding the consumption of native and exotic fruits. A total of 264 participants were obtained, who gave their opinions on daily fruit consumption, changes or variations in the availability of fruits sold in supermarkets, and had their knowledge tested regarding native (from Acre) and exotic (to Acre and Brazil) fruits. Prototypical and similarity analysis was used to analyze the data, seeking relationships between the variables. Of the total respondents, 97.7% considered the daily consumption of fruits important, 74.3% said they knew how to differentiate exotic fruits from native fruits, and 51% regularly consume fruits. The participants' performance in identifying native fruits was average, revealing the difficulty or disparity of knowledge on this topic. Therefore, efforts need to be made to expand knowledge about native fruit species, their diversification, and the dissemination of this knowledge through Environmental Education.

**Keywords:** Consciousness Disparity; Biodiversity; Native Fruits; Acre.

### 1. Introdução

A Floresta Amazônica é a maior floresta tropical úmida existente na Terra, sendo considerada a região com maior biodiversidade de espécies animais e vegetais (Piva et al., 2020). A sua grande biodiversidade guarda mais de 49.520 espécies de plantas, 120 mil espécies de invertebrados e por volta de 8.930 vertebrados (ICMBIO, 2021). As espécies de plantas presentes na Floresta Amazônica, correspondem de 10 a 20% das espécies vegetais do planeta, porém, a dimensão da importância dessa riqueza de espécies é negligenciada pela

população (Ter steege et al., 2016; Fearnside, 2021).

Dentre as espécies de plantas encontradas na Amazônia, se destacam aquelas que fornecem frutos para consumo *in natura*, popularmente conhecidas como espécies frutíferas. A fruticultura é uma parte da economia brasileira que tem crescido nos últimos anos e esse crescimento tem se expandido a cada dia. A relevância da produção de frutas no país varia em função de cada região, por exemplo, a região Sul destaca-se na produção de uva, kiwi, pêssego, morango, amora entre outros, isso em decorrência de um clima mais frio, subtropical. No entanto, a região Norte apresenta grande produção de cupuaçu, açaí, pupunha entre outros, frutos que são nativos e que são cultivados principalmente nessa região do país, de clima equatorial (Rodrigues et al., 2021).

Mesmo com o destaque já consolidado da região Norte na produção de frutos, especialmente em estados como Pará e Amazonas, que concentram grande parte da produção de culturas frutíferas regionais, o potencial da Amazônia é ainda muito superior ao que vem sendo efetivamente explorado. Estudos estimam que a Amazônia brasileira possui aproximadamente 220 espécies de plantas produtivas de frutos comestíveis, o que representa cerca de 44 % da diversidade de frutas nativas do Brasil, um enorme banco genético ainda pouco incorporado à fruticultura comercial em escala maior (Neves et al., 2015). Estima-se que se a população em geral na Amazônia conhecesse melhor a riqueza de espécies frutíferas, em especial de espécies nativas, provavelmente a região produziria mais frutos para o comércio e, conseqüentemente, seus frutos seriam mais valorizados.

A condição da maioria das pessoas em não reconhecer a diversidade de espécies frutíferas da Amazônia está ligado ao fato dessas pessoas não prestarem atenção nas plantas, fenômeno designado como disparidade de consciência (Santos et al., 2022). A disparidade de consciência afeta negativamente a percepção das pessoas em relação às plantas. Desta forma, a percepção ambiental configura-se como uma ferramenta de análise que, ao avaliar a forma como as pessoas pensam e observam o meio ambiente, busca fomentar a mudança de comportamento e subsidiar ações de educação ambiental (Romão et al., 2020). Através da educação ambiental as pessoas obterão o conhecimento de espécies nativas frutíferas do Estado do Acre, traçando os caminhos que possam sensibilizar para as mudanças de atitude.

A percepção ou o conhecimento da população sobre a riqueza de espécies frutíferas que a cerca parece ser bastante incipiente. Ou seja, se por um lado a ciência tem avançado no reconhecimento da biodiversidade amazônica, a população em geral parece não estar acompanhando esse reconhecimento. Desse modo, o presente trabalho teve por objetivo geral, avaliar a percepção da população de 20 municípios do Estado do Acre, sobre a importância do consumo de frutos em seu cotidiano, e mais especificamente: 1) compreender se as pessoas conseguem diferenciar frutos de espécies exóticas dos frutos de espécies nativas, 2) verificar se as pessoas percebem, em um contexto histórico, alterações na oferta comercial de espécies de frutos nativos e 3) relacionar os dados obtidos com a Educação Ambiental visando a valorização e conservação das espécies nativas.

### 1.1 Biodiversidade e fruticultura na Amazônia

Ao considerar a Amazônia sob o aspecto da diversidade biológica, destaca-se que esse bioma concentra cerca de 60 mil espécies de plantas e animais, incluindo mamíferos, répteis, invertebrados, anfíbios, peixes e aves, o que corresponde a aproximadamente 15% de toda a biodiversidade do planeta. A magnitude dessa riqueza é evidenciada pelas descobertas realizadas entre 1999 e 2009, período no qual mais de 1.200 novas espécies foram identificadas na região. Além disso, a floresta amazônica abriga mais de 600 tipos de ambientes terrestres e de água doce, como florestas tropicais densas, savanas, florestas de palmeiras e áreas de várzea, reforçando sua complexidade ecológica (Brando et al., 2025).

Dentro desse contexto de elevada biodiversidade, merece destaque a flora amazônica, que apresenta um expressivo potencial alimentício ainda pouco explorado. Embora exista um grande número de espécies vegetais no planeta, muitas delas permanecem subutilizadas pela população devido à falta de informação, hábitos culturais ou desinteresse. Estima-se que cerca de 10% da flora nativa, correspondente a aproximadamente 4 a 5 mil espécies, possuam valor alimentício (Kellen et al., 2015). De forma mais específica, a Amazônia se sobressai por concentrar ampla disponibilidade de espécies nativas da flora brasileira, contando

com cerca de 220 espécies de plantas frutíferas comestíveis já catalogadas, o que representa aproximadamente 44% da diversidade de frutos nativos do Brasil (Neves et al., 2012).

Sob essa perspectiva, a fruticultura da Amazônia se destaca como a quarta principal atividade econômica, logo após o minério de ferro, da pecuária e da madeira. É a atividade que apresenta o maior potencial de distribuição de renda em benefício da população, do ponto de vista social. Se sobressai por envolver muitos pequenos produtores, além das indústrias processadoras e tem uma grande importância econômica e social (Nascente; Rosa Neto, 2005; Rodrigues et al., 2021). De acordo com o Plano Nacional de Desenvolvimento da Fruticultura (PNDF) a fruticultura brasileira dispõe de uma área de cultivo que excede a 2 milhões de hectares, se destacando tanto pela diversidade de frutas em comparação à fruticultura mundial quanto também na economia, posto que é responsável pela geração de empregos ao longo de toda a cadeia produtiva e por propiciar renda no mercado interno e externo (Brasil, 2018).

Semelhante aos outros estados da Amazônia, o Acre também se destaca por conservar cerca de 87% de sua cobertura florestal, fator preponderante na necessidade de buscar ativos da floresta, alavancar a bioeconomia, valorizando as frutas nativas e os sistemas produtivos que mantêm a floresta em pé (Pilnik et al., 2022). Sistemas agroflorestais, diversificação da produção e pluriatividade são alguns tipos de práticas em agroecossistemas que potencialmente geram benefícios ecológicos, econômicos e sociais, que visam a melhoria da qualidade de vida e a conservação da paisagem com sua aptidão florestal (Ferraz et al., 2024). Nesse contexto, o conhecimento das frutas nativas deve ser ampliado e valorizado, transformando a biodiversidade local em efetiva fonte de recursos. Levantamento realizado em quintais agroflorestais no sul da Amazônia revelou a existência de 46 espécies frutíferas, demonstrando o potencial de enriquecimento da alimentação da família desses produtores rurais, bem como para a conservação da biodiversidade da região (Souza et al., 2022).

## 1.2 *Benefícios do consumo e da produção de frutos nativos*

Para uma dieta saudável é muito importante o consumo diário de frutas, pois elas são fontes de nutrientes que atuam para o bom funcionamento do organismo, alguns contendo propriedades funcionais como fotoquímicos, metabólitos fenólicos, terpenóides, compostos nitrogenados, e oligossacarídeos (Van Duyn; Pivonka, 2000; Lock et al., 2005). Introduzir uma alimentação balanceada e de alta qualidade nutricional no cotidiano proporciona vitalidade, bom humor, bem-estar e fortalecimento do sistema imunológico. Manter um equilíbrio nutricional faz-se necessário para uma vida mais saudável, resultando na prevenção de inúmeras doenças crônicas não-transmissíveis, como hipertensão, diabetes, doenças cardiovasculares, depressão, câncer e outras (Vieira et al., 2020; Borges et al., 2022).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, ultrapassando a concepção restrita de mera ausência de doenças ou enfermidades (Ribeiro et al., 2023). Essa definição ampliada evidencia o caráter multidimensional da saúde, incorporando fatores biológicos, psicológicos e sociais que atuam de forma integrada na qualidade de vida dos indivíduos. Nesse contexto, estudos contemporâneos têm destacado que os aspectos relacionados à nutrição e aos processos de saúde mental não podem ser compreendidos de maneira isolada, uma vez que a alimentação adequada desempenha papel fundamental na regulação de funções cognitivas, emocionais e comportamentais. Assim, uma nutrição saudável configura-se como um elemento essencial na promoção da saúde integral, influenciando diretamente o bem-estar mental e emocional (Ades; Kerbauy, 2002; Ribeiro et al., 2023).

A promoção da ingestão de frutas constitui uma das recomendações centrais da Estratégia Global sobre Alimentação, Atividade Física e Saúde da Organização Mundial da Saúde (EG/OMS). Contudo, observa-se uma redução significativa no consumo de alimentos *in natura*, decorrente do fortalecimento das estratégias de marketing voltadas a incentivar a crescente industrialização dos produtos alimentícios (Buainain; Garcia; Vieira, 2016; Ribeiro et al., 2023).

Além do mais, o consumo e produção de frutas, legumes e verduras também movimenta a economia, gerando renda para a agricultura familiar, favorecendo o comércio e o meio ambiente (Vieira et al., 2020;

Borges et al., 2022). E ainda garante a sustentabilidade da biodiversidade brasileira, que tem um grande potencial de recursos naturais e biogenéticos, sobretudo na região amazônica, servindo também como base de sustentação da população local, a qual poderá ter acesso a esses recursos. Outrossim, a biodiversidade possui um importante papel ecológico nos processos de regulação dos ciclos biogeoquímicos e para a manutenção e sobrevivência da humanidade (Araújo; Rocha, 2018).

### 1.3 *Disparidade de consciência, percepção e Educação Ambiental (EA)*

O termo “cegueira botânica” já foi caracterizado como a dificuldade de perceber as plantas no cotidiano (Wandersee; Schussler, 2001; Costa; Garcia; Vieira, 2019), no entanto, o termo “cegueira”, que para o contexto da percepção envolve uma dificuldade cognitiva, torna-se criticado por ableísmo transformando essa discapacidade em uma conotação negativa (Sanders, 2019; Parsley, 2020). Em estudo feito por Parsley (2020) é ressaltada tal questão, propondo o uso do termo Disparidade de Consciência sobre as Plantas, fazendo substituição do termo sugerido por Wandersee e Schussler (2001) sem perder o sentido original do assunto (Frisch; Unwin; Saunders, 2010; Salatino; Buckeridge, 2016; Liesenfeld et al., 2022).

As pessoas que apresentam alguma disparidade de consciência sobre as plantas, manifestam uma percepção deturpada, desvalorizando a importância da riqueza das espécies vegetais, beleza paisagística, aspectos ecológicos, bem como os cuidados necessários para a sua sobrevivência e os riscos de extinção (Frisch; Unwin; Saunders, 2010; Salatino; Buckeridge, 2016). Devido a disparidade de consciência afetar negativamente a percepção das pessoas em relação às plantas, supõe-se que exista grande dificuldade de as pessoas perceberem a diversidade de plantas que as cercam, e com isso não percebem a riqueza de frutos nativos, consequentemente não conhecem o que comem.

Em uma perspectiva histórica a natureza sempre foi vista como recurso, somente à disposição do homem, portanto, é possível depreender as profundas consequências a diversos tipos de espécies não comuns, que por serem desconsideradas, são esquecidas ou ignoradas. Questões culturais e sociais, como a urbanização, o êxodo rural, entre outros, influenciam, mesmo potencializando os efeitos dessa disparidade de consciência com os vegetais, gerando impactos negativos para a vegetação como um todo (Wandersee; Schussler, 2001).

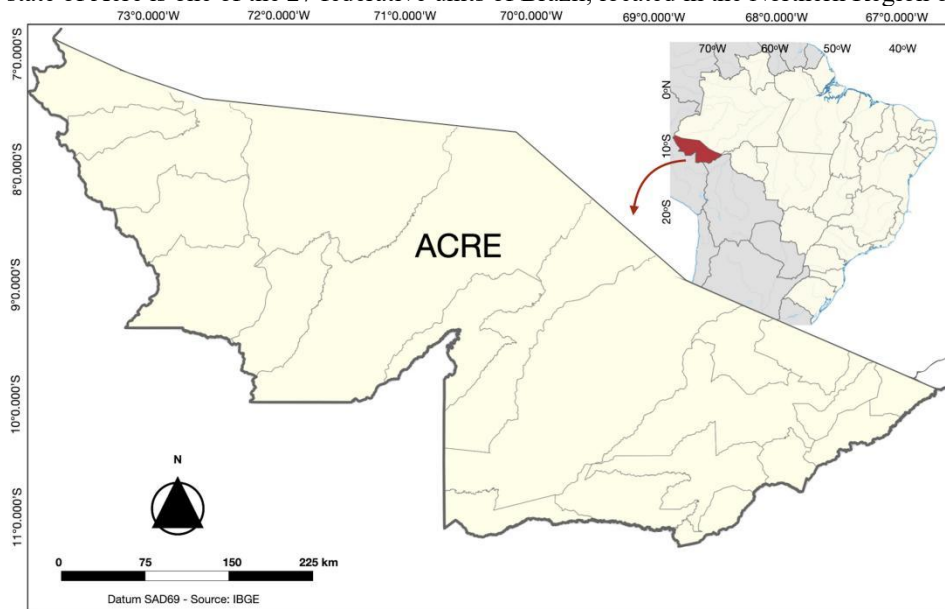
A disparidade de consciência sobre as plantas atua, portanto, como importante barreira contra o desenvolvimento sustentável (Amprazis; Papadopoulou, 2020). Para superar essa barreira existe a EA, que com o seu ferramental, pode ajudar as pessoas a adquirirem conhecimento, angariar motivação e engajamento para melhor utilizar os recursos do planeta, a fim de manter a qualidade ambiental como um todo (Morar; Peterlicean, 2012). Assim, a EA é o meio pelo qual as plantas podem ser resgatadas do obscurantismo perceptivo das pessoas, característica que pode ser diagnosticada através dos estudos de percepção ambiental. Uma vez reconhecidas as dificuldades e falhas na percepção das pessoas sobre as plantas, efetivas estratégias de ensino e disseminação do conhecimento sobre o tema podem ser implementadas. Aqui é fundamental o melhor preparo possível dos educadores, dos ensinamentos básicos e do superior, a fim de promover a quebra desse ciclo de subestimação e ignorância ao mundo vegetal (Amprazis; Papadopoulou, 2020).

## 2. Material e Métodos

A área de estudo desta pesquisa compreende o estado do Acre, localizado na Região Norte do Brasil, na porção sudoeste da Amazônia brasileira (Figura 1).

**Figura 1** – O estado do Acre é um dos 27 estados que compõem a federação brasileira, localizado na Região Norte do Brasil.

Figure 1 – The state of Acre is one of the 27 federative units of Brazil, located in the Northern Region of the country.



**Fonte:** Autores (2025)  
Source: Authors (2025)

O estado faz fronteira com os estados do Amazonas e Rondônia, além dos países Peru e Bolívia. Sua área territorial é de aproximadamente 164.000 km<sup>2</sup>, representando cerca de 1,7 % do território nacional, e o estado possui 22 municípios, tendo Rio Branco como capital e principal centro urbano e econômico. A localização geográfica do Acre, entre latitudes próximas de 7° e 11° Sul e longitudes de 66° a 74° Oeste, confere-lhe um clima equatorial úmido, caracterizado por altas temperaturas e intensa pluviosidade, além de uma extensa cobertura de floresta tropical que abriga grande biodiversidade e importantes bacias hidrográficas como as dos rios Juruá, Purus e Acre. A população, estimada em cerca de 830 mil a 880 mil habitantes, é predominantemente urbana e marcada pela diversidade cultural, fruto de fluxos migratórios internos e presença de povos indígenas (ACRE, 2006).

Para avaliar a percepção da população sobre a importância do consumo de frutos em seu cotidiano na Amazônia ocidental, Estado do Acre, foram coletadas respostas por meio de um questionário disponibilizado on-line (Plataforma Google Formulários) e presencial, no período de maio a dezembro de 2022. O uso de entrevistas qualitativas como via de acesso ao mundo subjetivo, as percepções, busca compreender compartilhamentos e especificidades entre as categorias sociodemográficas participantes (Sousa et al., 2020). Por envolver respostas pessoais de percepção, a proposta foi submetida à avaliação e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Acre (CAAE 52696721.1.0000.5010; parecer 5.396.519), dentro de um projeto mais amplo intitulado: “Análise da Percepção Ambiental Popular no Estado do Acre: Ferramenta Para Formulação de Políticas Públicas”.

A amostragem utilizada neste estudo foi do tipo não probabilística por conveniência, que consiste na adesão voluntária dos participantes. O questionário foi divulgado a moradores de todos os municípios do estado do Acre, e as respostas foram obtidas daqueles que tiveram acesso ao instrumento de coleta e manifestaram interesse em participar. Dessa forma, a seleção dos participantes não ocorreu por meio de sorteio aleatório, caracterizando uma amostra composta por indivíduos disponíveis no momento da pesquisa, o que possibilitou a coleta de dados de forma prática e rápida.

O questionário aplicado foi dividido em quatro etapas: 1) perfil socioeconômico (idade, gênero, escolaridade, ocupação e município residente); 2) percepção dos moradores em relação ao consumo de frutas

no cotidiano, bem como sobre a alteração, ou variação, da oferta de frutos comercializados nos supermercados – (questões 1 a 8, Tabela 1); e 3) conhecimento dos respondentes sobre as frutas que consomem no dia a dia, com imagens de frutas nativas (do Acre) e exóticas (ao Acre e Brasil) – Tabela 2, para testar as pessoas na identificação dos tipos de frutos de espécies nativas do Acre (distribuição autóctone). As imagens dos frutos foram apresentadas de forma aleatória no formulário de cada respondente, sem identificação de espécie nativa ou exótica. Como critério de inclusão das espécies, considerou-se aquelas regularmente vendidas *in natura* nos comércios do Acre (com exceção do patauá, geralmente vendido na forma de 'vinho').

**Tabela 1** – Perguntas do formulário sobre percepção no consumo e disponibilidade de frutos, no estudo de percepção do conhecimento sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental, Brasil.

Table 1 – Questions from the form about perception of consumption and availability of fruits, in the study of perception of knowledge about native fruits in Western Amazonia, Brazil.

Questão 1	Você acha importante o consumo diário de frutas?
Questão 2	Você sabe diferenciar fruto e fruta?
Questão 3	Você sabe o que são frutas nativas e frutas exóticas?
Questão 4	Você acha que o preço das frutas comercializadas hoje em dia estão abusivos em relação ao preço comercial dos tempos antigos?
Questão 5	Qual a frequência do seu consumo de frutas semanal?
Questão 6	Nos últimos anos você reparou se alterou a oferta de frutos comercializados nos supermercados?
Questão 7	O que você acha da variedade de frutos nativos oferecidos nos mercados?
Questão 8	Com qual frequência você conheceu um fruto novo da última vez que foi ao supermercado?

Fonte: Autores (2025)

Source: Authors (2025)

**Tabela 2** – Espécies frutíferas apresentadas aos respondentes, em fotos, no estudo de percepção do conhecimento sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental, Brasil.

Table 2 – Fruit species presented to respondents, in photos, in the study of perception of knowledge about native fruits in Western Amazonia, Brazil.

<i>Nome popular</i>	<i>Nome científico</i>	<i>Família Botânica</i>
<b><i>Espécies nativas</i></b>		
araçá-boi	<i>Eugenia stipitata</i> Mc Vaugh	MYRTACEAE
bacuri	<i>Platonia insignis</i> Mart.	CLUSIACEAE
buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	ARECACEAE
camu-camu	<i>Myrciaria dubia</i> (Kunth) Mc Vaugh	MYRTACEAE
cupuaçu	<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. Ex Spreng.) Schum	MALVACEAE
jaracatiá	<i>Jaracatia digitata</i> (Poepp. & Endl.) Solms	CARICACEAE
jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	RUBIACEAE
pama-de-onça	<i>Naucleopsis glabra</i> Spruce ex Pittier	MORACEAE
patauá	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	ARECACEAE
pupunha	<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	ARECACEAE
<b><i>Espécies Exóticas</i></b>		
abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	LAURACEAE

azeitona	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	MYRTACEAE
jambo	<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	MYRTACEAE
laranja	<i>Citrus x aurantium</i> L.	RUTACEAE
maçã	<i>Malus domestica</i> (Suckow) Borkh.	ROSACEAE
manga	<i>Mangifera indica</i> L.	ANACARDIACEAE
melancia	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	CUCURBITACEAE
pitaya	<i>Hylocereus undatus</i> (Haw.) Britton & Rose	CACTACEAE

Fonte: Autores (2025)

Source: Authors (2025)

O questionário foi direcionado aos respondentes através das redes sociais (WhatsApp®, Facebook®, Instagram®, Telegram® e outros), e-mail e também realizado presencialmente. Para todos os participantes foi disponibilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ressaltando a garantia do anonimato em que todos os entrevistados tiveram em suas participações, explicando aos participantes os seus devidos direitos em relação à pesquisa.

### 2.1 Análise de Dados

Após a aplicação do questionário, os dados foram organizados em planilhas no WPS Office®. O programa IRaMuTeQ (versão 0.7 alfa 2) foi utilizado para análise da matriz e aplicação dos testes (Sousa et al., 2020): a) Qui-quadrado, a fim de comparar as frequências de respostas entre categorias do perfil socioeconômico e o levantamento da percepção dos respondentes; b) análise prototípica, e c) análise de similitude, avaliando as questões sobre a importância do consumo de frutos e sobre o conhecimento dos respondentes sobre as espécies nativas do Acre.

As análises prototípica (Wachelke; Wolter, 2011) e de similitude foram aplicadas somente nas respostas do subgrupo de participantes que afirmaram saber o que são espécies nativas, e foram calculadas a partir de duas coordenadas obtidas: frequência das evocações (frutos conhecidos) e ranqueamento com pesos para cada a resposta fornecida, considerando ordem de evocação (dentro da premissa que espécies nativas serão mais prontamente citadas). A análise de similitude permitiu a identificação das ocorrências entre as palavras e a inter-relação entre elas, para tanto foi utilizado escore qui-quadrado e método de agrupamento comunidade ótima (*optimal.community*).

## 3. Resultados

Um total de 264 participantes, da maioria dos municípios do Acre (Figura 2), respondeu aos questionários aplicados na pesquisa. A amostra foi composta majoritariamente por mulheres (59,4%), enquanto os homens representaram 40,5%. Em relação à faixa etária, observou-se maior concentração de participantes entre 15 e 25 anos (55,6%), evidenciando predominância de jovens na pesquisa. Quanto ao nível de escolaridade, a maioria dos entrevistados possui ensino superior incompleto (32,5%), seguida daqueles com ensino superior completo (29,9%). No que se refere à ocupação, a maior parte dos respondentes não informou seu vínculo profissional (64%), sendo os autônomos (12,88%) e os estudantes (10,61%) os grupos mais representativos entre os que declararam sua ocupação (Tabela 3).

**Tabela 3** - Distribuição da frequência de respostas em cada categoria de variável sociodemográfica, no estudo de

percepção do conhecimento sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental, Brasil - (N=264).

Table 3 - Distribution of the frequency of responses in each category of sociodemographic variable, in the study of perception of knowledge about native fruits in Western Amazonia, Brazil - (N=264).

Variáveis	n (%)
Gênero	
Feminino	157 (59,47)
Masculino	107 (40,53)
Faixa etária (anos)	
15 a 25	147 (55,68)
26 a 35	58 (21,97)
36 a 45	39 (14,77)
>46	20 (7,58)
Escolaridade	
Fundamental Incompleto	17 (6,44)
Fundamental Completo	7 (2,65)
Médio Incompleto	13 (4,92)
Médio Completo	62 (23,48)
Superior Incompleto	86 (32,58)
Superior Completo	79 (29,92)
Ocupação	
Aposentado	8 (3,03)
Autônomo	34 (12,88)
Comércio	5 (1,89)
Estudante	28 (10,61)
Funcionário público	15 (5,68)
Não informada	169 (64,02)
Trabalhador Rural	5 (1,89)

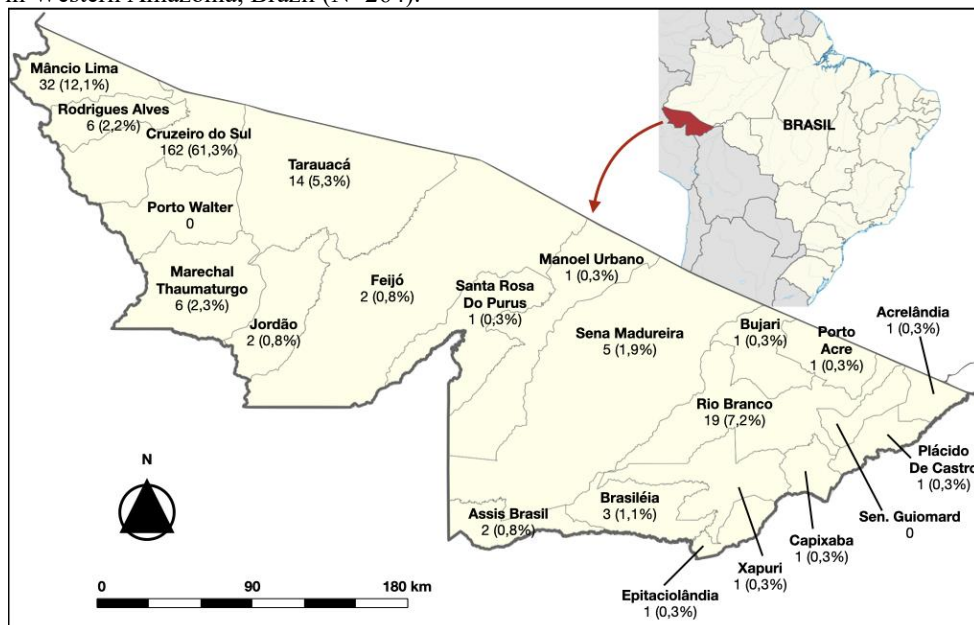
**Fonte:** Autores (2025)

Source: Authors (2025)



**Figura 2** – Distribuição das respostas por município do Estado do Acre, n (%), no estudo de percepção do conhecimento sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental, Brasil (N=264).

Figure - Distribution of responses by municipality in the State of Acre, n (%), in the study of perception of knowledge about native fruits in Western Amazonia, Brazil (N=264).



Fonte: Autores (2025)  
Source: Authors (2025)

A distribuição dos participantes segundo o município de residência revelou que, com exceção de Porto Walter e Senador Guimard, todos os municípios do Acre tiveram representação na pesquisa (Figura 2). Os municípios com maior número de respondentes foram Cruzeiro do Sul (61,3%), Mâncio Lima (12,12%) e Rio Branco (7%), demonstrando concentração significativa de respostas em regiões específicas do estado.

### 3.1 Percepção da importância do consumo e da oferta de frutas no comércio

Para o conjunto total de respondentes de todos os municípios que forneceram respostas (N = 264), verificou-se que a grande maioria (97,7%) reconheceu a importância do consumo diário de frutos. Além disso, 68,9% dos participantes afirmaram possuir conhecimento para diferenciar "fruto" de "fruta", enquanto 74,3% declararam saber identificar a distinção entre frutos exóticos e frutos nativos. No que diz respeito à percepção sobre os preços dos frutos comercializados atualmente, 80,3% dos entrevistados consideraram-nos excessivamente elevados, evidenciando uma preocupação significativa com a acessibilidade desses produtos (Tabela 4).

**Tabela 4** - Distribuição da frequência (%) de respostas para as questões de 1 a 4 do questionário, por categoria sociodemográfica (N=264), no estudo de percepção do conhecimento sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental, Brasil. S: sim; N: não; NS: não sei.

Table 4 - Frequency distribution (%) of responses to questions 1 to 4 of the questionnaire, by sociodemographic category (N=264), in the study of perception of knowledge about native fruits in Western Amazonia, Brazil. S: yes; N: no; NS: don't know.

	Q1: Você acha importante o consumo diário de frutas?			Q2: Você sabe diferenciar fruto e fruta?		Q3: Você sabe o que são frutas nativas e frutas exóticas?		Q4: Você acha que o preço das frutas comercializadas hoje em dia estão abusivos?		
	N	NS	S	N	S	N	S	N	NS	S
Feminino	0,4	0,4	58,7	18,6	40,9	15,5	43,9	3	6,8	49,6
Masculino	0,4	1,1	39	12,5	28	10,2	30,3	4,5	5,3	30,7
15 a 25 anos	0,8	1,1	53,8	18,6	37,1	14,8	40,9	5,7	6,8	43,2
26 a 35 anos	0	0,4	21,6	5,3	16,7	3,8	18,2	0,4	3,4	18,2
36 a 45 anos	0	0	14,8	3,4	11,4	3	11,7	0,8	1,5	12,5
>46 anos	0	0	7,6	3,8	3,8	4,2	3,4	0,8	0,4	6,4
Fundamental Incompleto	0	0,4	2,3	1,9	0,8	1,5	1,1	0,4	0,8	1,5
Fundamental Completo	0	0	6,4	2,7	3,8	4,9	1,5	0,4	0,4	5,7
Médio Incompleto	0,4	0,8	22,3	10,2	13,3	7,6	15,9	0,4	5,3	17,8
Médio Completo	0	0,4	4,5	0,8	4,2	2,3	2,7	0,4	0	4,5
Superior Incompleto	0,4	0	29,5	6,8	23,1	4,9	25	2,7	3	24,2
Superior Completo	0	0	32,6	8,7	23,9	4,5	28	3,4	2,7	26,5
Aposentado	0	0	3	1,5	1,5	3	0	0	0	3
Autônomo	0	1,1	11,7	5,7	7,2	5,7	7,2	0,4	3	9,5
Comércio	0	0	1,9	0,4	1,5	0,4	1,5	0	0	1,9
Estudante	0	0,4	10,2	3,8	6,8	2,3	8,3	0	1,1	9,5
Funcionário público	0	0	5,7	1,1	4,5	1,5	4,2	0	0,8	4,9
Não informada	0,8	0	63,3	17,8	46,2	12,1	51,9	7,2	6,8	50

Trabalhador Rural	0	0	1,9	0,8	1,1	0,8	1,1	0	0,4	1,5
Total	0,7	1,5	97,7	31,1	68,9	25,7	74,3	7,6	12,1	80,3

Fonte: Autores (2025)

Source: Authors (2025)

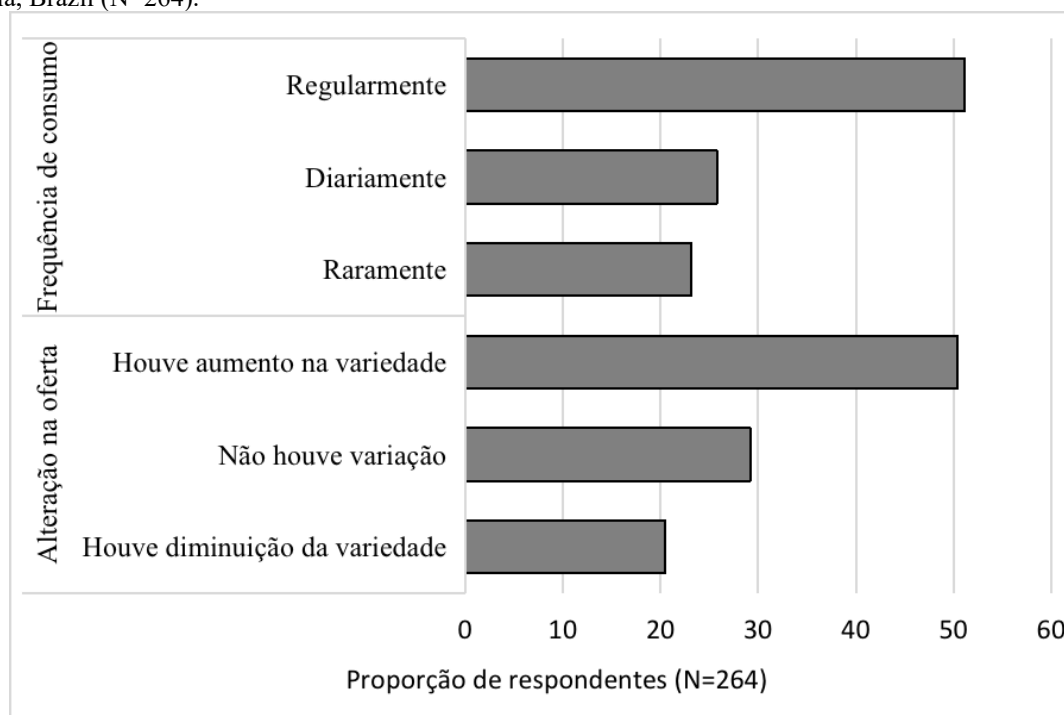
Quando perguntados sobre a importância do consumo de frutos, por categoria de variável sociodemográfica, 58,7% das mulheres considerou importante consumir frutas diariamente, enquanto 0,4% disseram não saber responder, e 0,4% afirmaram não ser importante. Em relação aos homens, 39% opinaram que o consumo diário de frutas é importante, 1,1% não soube responder e 1% afirmou não ser importante. Respondentes com ensino superior completo (32,6%) e ensino superior incompleto (29,5%) perfazem o maior número de respostas que opinou considerar importante o consumo diário de frutos.

A maioria dos participantes, em todas as faixas etárias, afirma saber diferenciar fruto exótico de fruto nativo ( $\chi^2=11,74$ ;  $gl=3$ ;  $p=0,0082$ ). A maioria dos participantes de todas as categorias de escolaridade, excetuando fundamental incompleto, sabe diferenciar fruto de fruta ( $\chi^2=15,42$ ;  $gl=5$ ;  $p=0,0087$ ). Também entre a escolaridade, somente participantes do fundamental incompleto e fundamental completo, em sua maioria, não sabem reconhecer entre frutos nativos e frutos exóticos ( $\chi^2=40,5$ ;  $gl=5$ ;  $p<0,0001$ ).

Já com relação à questão 5 do questionário, “Qual a frequência do seu consumo semanal de frutas?”, observou-se que 51% dos participantes consomem frutos regularmente, enquanto 50,38% avaliaram que, atualmente, há uma maior diversidade de frutos disponíveis no mercado em comparação com o período anterior (Figura 3).

**Figura 3** – Distribuição das respostas (%) sobre alteração da oferta de frutos nos comércios e frequência de consumo, informada pelo total de respondentes, no estudo de percepção do conhecimento sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental, Brasil (N=264).

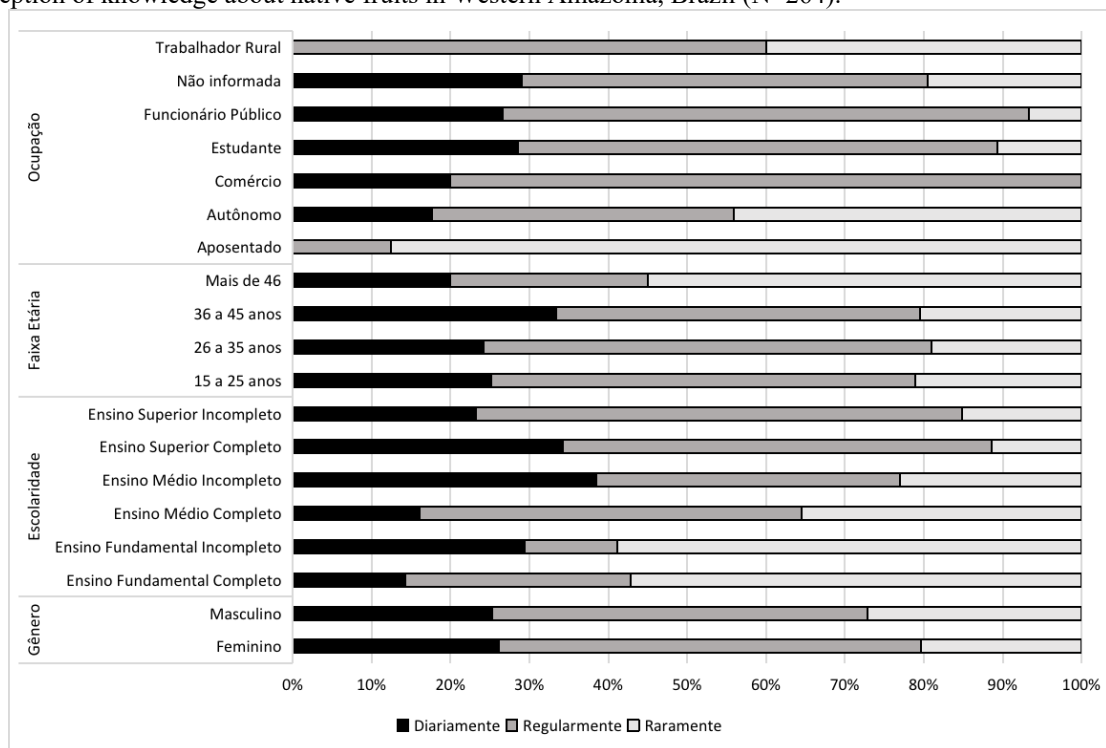
Figure 3 – Distribution of responses (%) regarding changes in the supply of fruits in stores and frequency of consumption, reported by the total number of respondents, in the study of perception of knowledge about native fruits in Western Amazonia, Brazil (N=264).



Quando perguntados sobre a frequência do consumo semanal de frutas (Figura 4), segundo sua ocupação, foi constatado que mais de 30% dos respondentes do ensino médio incompleto, do ensino médio completo e participante na faixa etária de 36 a 45 anos, consomem diariamente frutos, como recomenda a OMS. Nenhum entrevistado que se declarou aposentado ou trabalhador rural, consome frutos diariamente.

**Figura 4** - Distribuição das respostas por frequência de consumo semanal de frutos, informada pelos respondentes, no estudo de percepção do conhecimento sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental, Brasil (N=264).

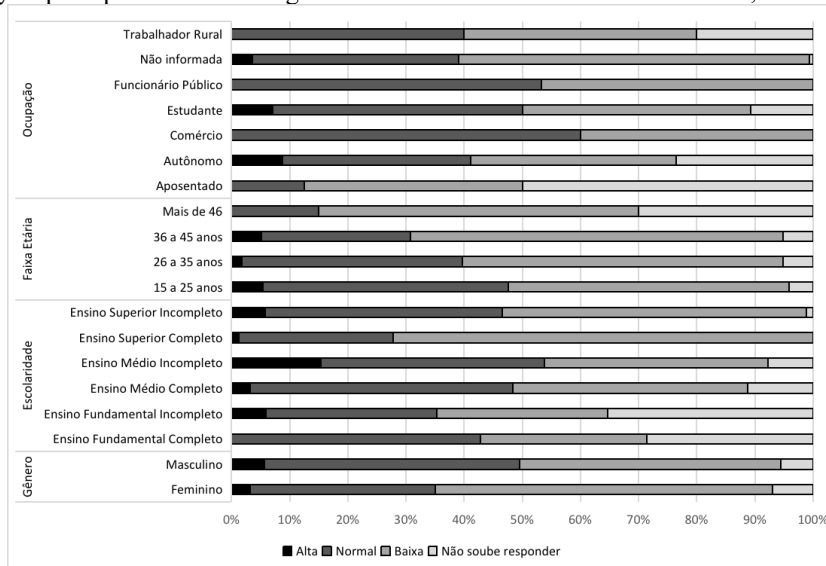
Figure 4 - Distribution of responses by frequency of weekly fruit consumption, as reported by respondents, in the study of perception of knowledge about native fruits in Western Amazonia, Brazil (N=264).



Quanto à opinião dos participantes sobre a diversidade de frutos nativos atualmente disponíveis nos estabelecimentos comerciais (Figura 5), de acordo com ocupação, faixa etária e escolaridade, tiveram a maioria das respostas dos respondentes sem saber responder.

**Figura 5** - Distribuição das respostas dos participantes quando perguntados: *O que você acha da variedade de frutos nativos oferecidos nos mercados?* no estudo de percepção do conhecimento sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental, Brasil (N=264).

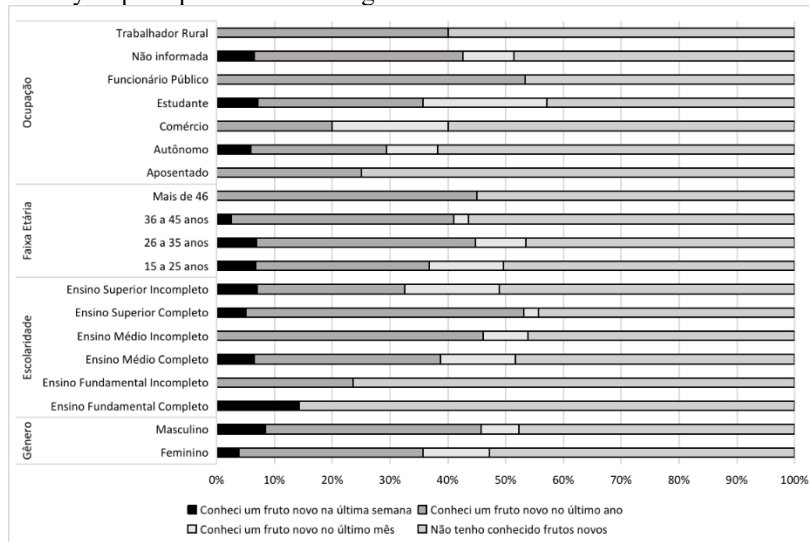
Figure 5 - Distribution of participants' responses when asked: What do you think of the variety of native fruits offered in markets? in the study of perception of knowledge about native fruits in Western Amazonia, Brazil (N=264).



Mais de 50% dos participantes com ensino superior completo ( $\chi^2 = 59,6$ ; gl = 5;  $p < 0,001$ ), bem como aqueles nas faixas etárias de 26 a 35 anos, 36 a 45 anos e acima de 46 anos ( $\chi^2 = 27,7$ ; gl = 3;  $p = 0,001$ ), consideraram que a oferta de frutos nativos nos mercados é baixa. Quando questionados sobre a frequência com que tiveram contato ou conheceram frutos novos nos mercados (Figura 6), de acordo com ocupação, faixa etária e escolaridade, as respostas destacam os respondentes de ensino fundamental completo, que comparativamente tiveram maior número de frutos novos conhecidos.

**Figura 6** - Distribuição das respostas dos participantes quando perguntados: *Com qual frequência você conheceu um fruto novo quando foi ao supermercado?* no estudo de percepção do conhecimento sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental, Brasil (N=264).

Figure 6 - Distribution of participants' responses when asked: How often did you encounter a new fruit when you went to the supermarket? in the study of perception of knowledge about native fruits in Western Amazonia, Brazil (N=264).



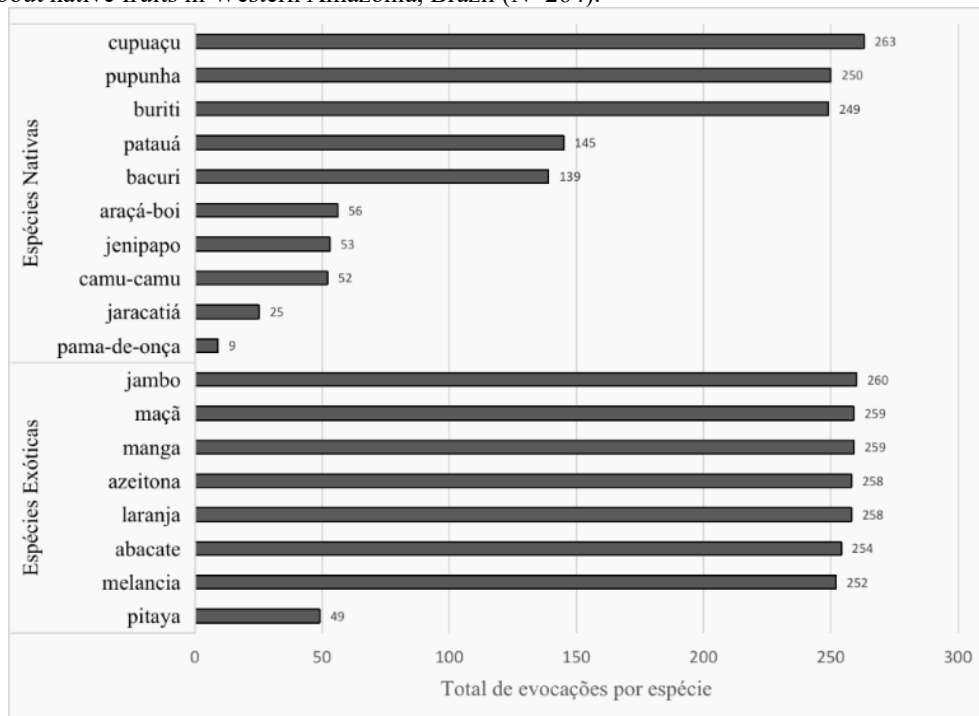
Entretanto, de modo geral, observou-se que a maioria dos respondentes, abrangendo praticamente todas as categorias sociodemográficas analisadas, declarou não ter tido contato com novos tipos de frutos. No que se refere especificamente ao nível de escolaridade, verificou-se que 50,7% dos participantes afirmaram não ter conhecido frutos novos no último ano, resultado que se mostrou estatisticamente significativo ( $\chi^2 = 28,9$ ; gl = 5;  $p = 0,016$ ).

### 3.2 Frutas mais consumidas pelos respondentes

No total de respostas obtidas ao tema indutor: *frutas frequentemente consumidos*, as frutas observadas no formulário foram citadas 3.090 vezes (total de evocações), uma média de 11,7 evocações por respondente (Figura 7).

**Figura 7** - Distribuição das respostas (evocações) dos participantes por fruto frequentemente consumido, no estudo de percepção do conhecimento sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental, Brasil (N=264).

Figure 7 - Distribution of participants' responses (evocations) by frequently consumed fruit, in the study of perception of knowledge about native fruits in Western Amazonia, Brazil (N=264).



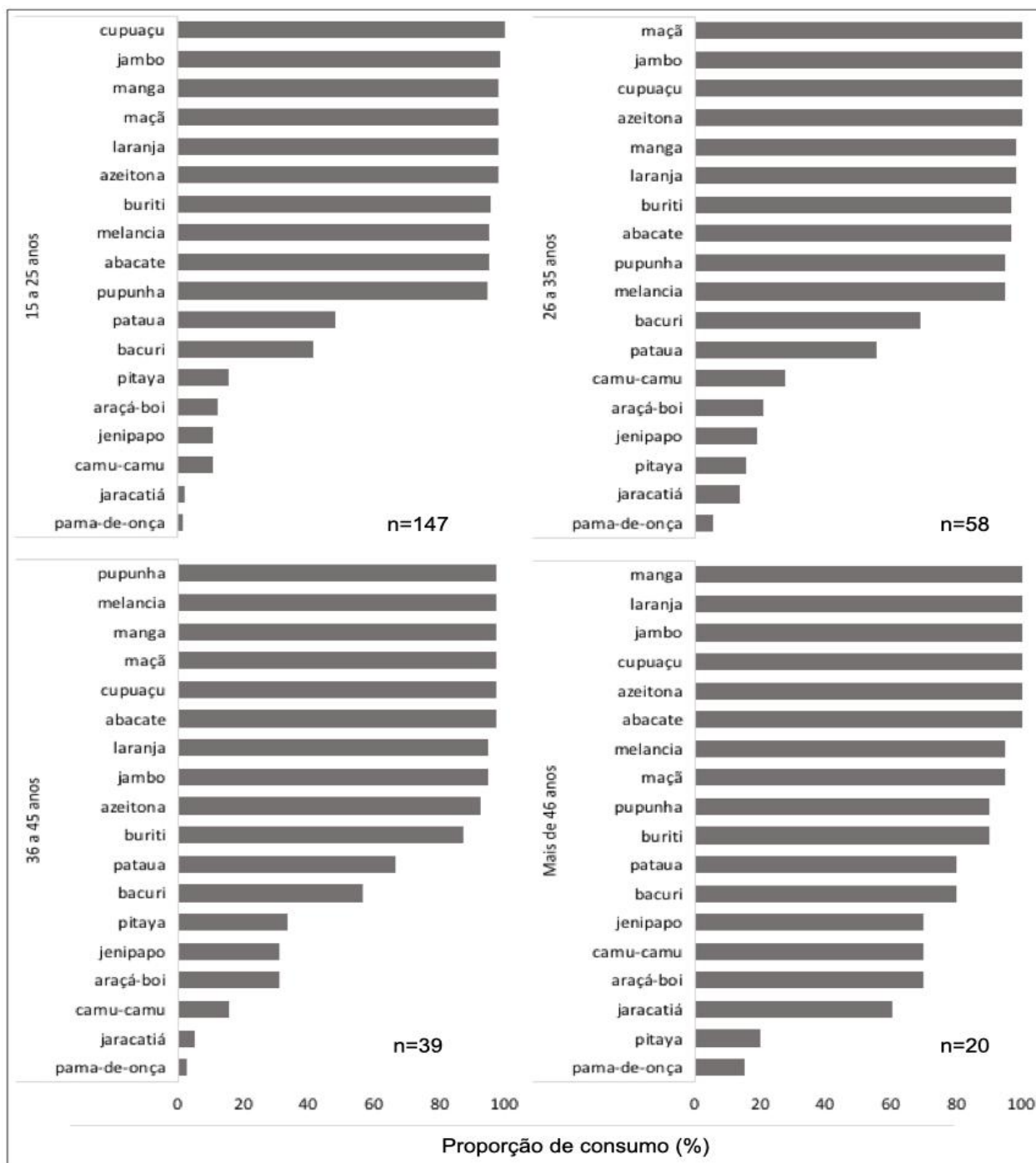
**Fonte:** Autores (2025)

Source: Authors (2025)

Entre as espécies nativas, a mais citada como consumida é o cupuaçu (263 evocações), e, entre as espécies exóticas, figura o jambo (260 evocações). Entre as espécies nativas, a menos citada foi pama-de-onça (nove evocações), e, nas espécies exóticas, pitaya (49 evocações) foi a menos citada. A média de evocações das espécies nativas foi de 4,7 evocações por respondente, enquanto a média de evocações das espécies exóticas foi de 7 por respondente.

Quando foi perguntado às pessoas, de acordo com a faixa etária, quais frutas elas mais consumiam, a faixa etária entre 15 e 25 anos indicou consumir em sua maioria cupuaçu, jambo e manga (Figura 8).

**Figura 8** - Distribuição das respostas dos participantes considerando as faixas etárias, por fruto frequentemente consumido, no estudo de percepção do conhecimento sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental, Brasil (N=264).  
 Figure 8 - Distribution of participants' responses considering age groups, by frequently consumed fruit, in the study of perception of knowledge about native fruits in Western Amazonia, Brazil (N=264).



Fonte: Autores (2025)  
 Source: Authors (2025)

Na faixa etária de 26 a 45 anos a maioria citou o consumo de maçã, jambo e cupuaçu. Os respondentes com idade entre 36 a 45 anos citaram em maioria pupunha, melancia e manga, e os com idade igual ou superior a 46 anos citaram principalmente o consumo de manga, laranja e jambo. No final da lista das citações de consumo, para todas as faixas etárias, figuram principalmente espécies nativas, tais como pama-de-onça, jaracatiá e camu-camu.

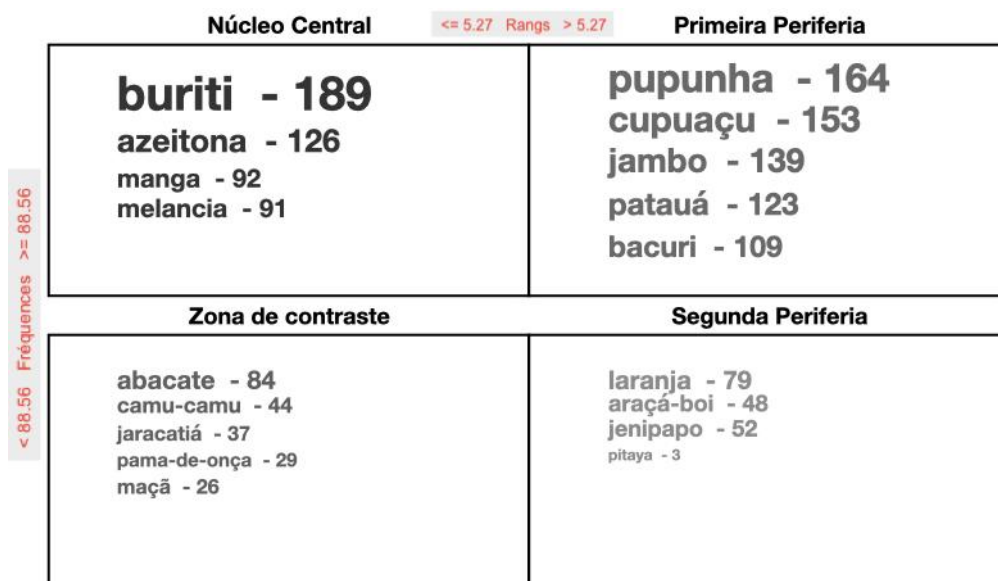
### 3.3 Percepção do conhecimento de espécies nativas e exóticas

Nessa etapa do estudo foi considerada somente a participação dos respondentes que afirmaram, na Questão 3, que sabiam diferenciar espécies exóticas das espécies nativas de frutas (n=196). Esse subgrupo contribuiu com 1.594 evocações de nomes de frutas, a partir do tema indutor: *Indique somente as espécies nativas do Acre*. Desse total, quase metade, ou 646 evocações (40,5%) foram de espécies exóticas.

Para reconhecer quais espécies foram mais selecionadas como nativas, na compreensão dos respondentes, é possível observar o diagrama de análise prototípica (Figura 9).

**Figura 9** - Diagrama da análise prototípica, com a distribuição das respostas (evocações) dos participantes considerando o tema indutor: *Indique somente as espécies nativas do Acre*, no estudo de percepção do conhecimento sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental, Brasil (n=196).

Figure 9 - Diagram of the prototypical analysis, showing the distribution of participants' responses (evocations) considering the inducing theme: *Indicate only the native species of Acre*, in the study of perception of knowledge about native fruits in Western Amazonia, Brazil (n=196).



Fonte: Autores (2025)  
Source: Authors (2025)

Verifica-se que, entre as espécies nativas, somente buriti aparece no núcleo central do diagrama, junto com azeitona, manga e melancia. Estas são as frutas mais frequentes nas citações e mais prontamente citadas. Na primeira periferia constam as frutas que foram citadas com boa frequência, mas não foram tão prontamente citadas, esse grupo é formado basicamente das espécies nativas, como pupunha, bacuri e patauá. A zona de contraste mostra as frutas mais prontamente citadas, mas com baixa frequência de citação, e aí estão jaracatiá e camu-camu, entre as nativas. Na segunda periferia estão as frutas com baixa frequência de citação e menos prontamente citadas. Nesse grupo estão araçá-boi, jenipapo, pitaya e laranja, considerada, portanto, a espécie

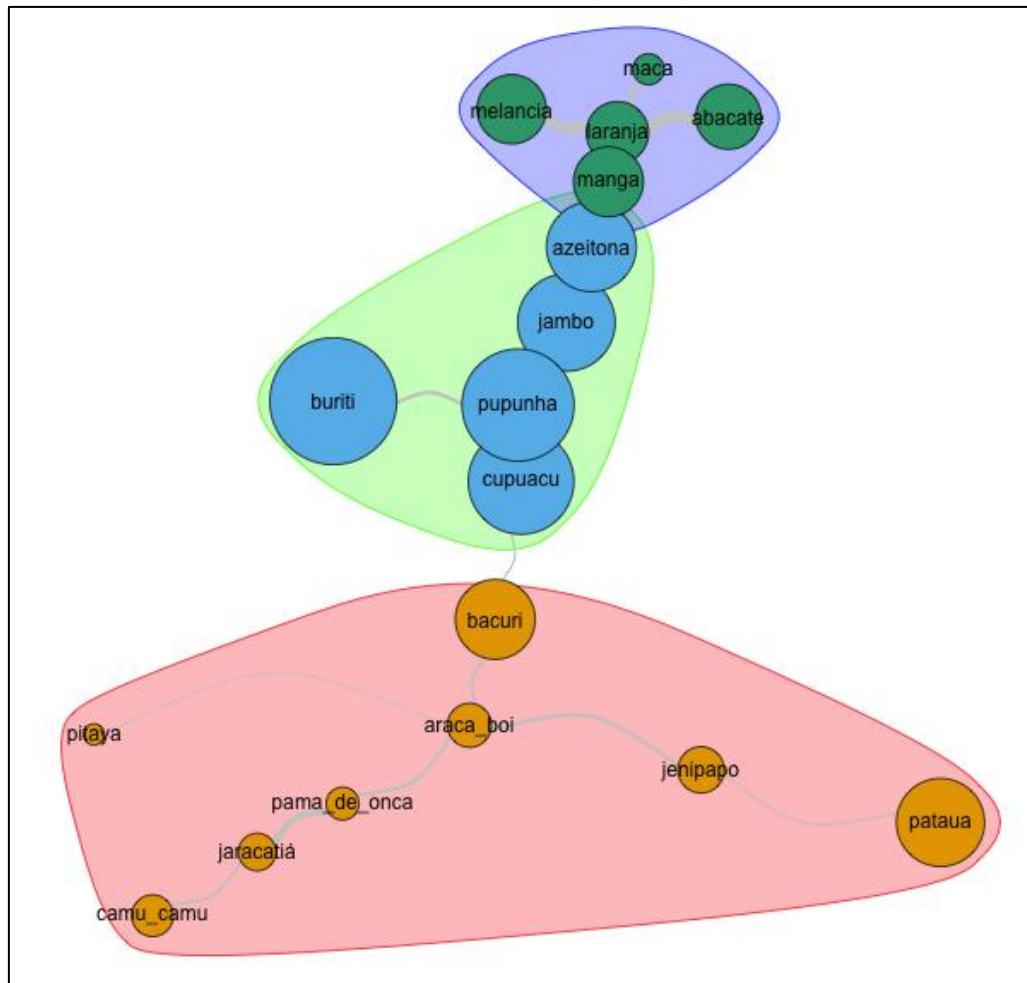


melhor conhecida como exótica no Acre.

A análise de similitude (Figura 10) reforça o observado no diagrama prototípico, sendo possível verificar a formação de dois grupos principais, sendo um deles com um subgrupo relacionado.

**Figura 10** - Diagrama mostrando as relações de semelhança entre as evocações dos participantes, considerando o tema indutor: *Indique somente as espécies nativas do Acre*, no estudo de percepção do conhecimento sobre frutos nativos na Amazônia Ocidental, Brasil (n=196).

Figure 10 - Diagram showing the similarity relationships between the participants' evocations, considering the inducing theme: *Indicate only the native species of Acre*, in the study of perception of knowledge about native fruits in Western Amazonia, Brazil (n=196).



**Fonte:** Autores (2025)  
Source: Authors (2025)

A maioria das espécies nativas (com exceção de pitaya), está no maior dos grupos, demonstrando a constância de uma parte dos respondentes na correta citação do conjunto dessas espécies. Por outro lado, muito relacionados entre si, estão o grupo e o subgrupo onde aparecem todas as espécies exóticas (excluindo pitaya), destaque aí para a presença das mais citadas espécies nativas, buriti, cupuaçu, e pupunha, significando que uma boa parte dos respondentes, mesmo acertando essas nativas, se equivocaram na citação de um conjunto grande de espécies exóticas. Nesse mesmo grupo figuram azeitona e jambo, consideradas assim as espécies mais reconhecidas como "nativas" do Acre.

#### 4. Discussão

Considera-se um efeito da Disparidade de Consciência sobre as Plantas a evidente negligência para com as frutas nativas como fonte de recurso econômico e alimentar por parte da maioria da população (Sharrock; Jackson, 2017). Mesmo no Acre, com exceção do buriti, da pupunha e do cupuaçu, a comercialização de frutas regionais não é comum. O consumo de frutas nativas restringe-se majoritariamente às suas áreas de ocorrência, integrando os hábitos alimentares e medicinais das comunidades indígenas e extrativistas (Ledo, 1996). Contudo, as frutas nativas, sobretudo as que não têm circulação comercial ampla, apresentam grande potencial econômico e podem constituir uma nova alternativa, voltada especialmente para nichos de mercado ávidos por novidades. Além da exploração para consumo in natura, elas podem ser utilizadas pela agroindústria na produção de sucos, sorvetes, doces, geleias, licores e outros derivados (Schreiner, 2016).

O fato de os brasileiros consumirem e conhecerem uma quantidade reduzida de frutas —não apenas as nativas, mas frutas de modo geral— pode estar relacionado ao conhecimento insuficiente sobre a importância do consumo diário. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) indicam que o consumo médio anual de frutas no Brasil é de 26,414 kg por habitante. Em contraste, os moradores da Região Norte, especialmente na Amazônia, consomem em média 13,851 kg por pessoa ao ano, o que corresponde a aproximadamente 52,44% da média nacional. Menos de 10% dos brasileiros atingem os níveis recomendados de ingestão de frutas, verduras e legumes estabelecidos pela Organização das Nações e Agricultura (FAO) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), cuja referência é de aproximadamente 146 kg por ano. Isso revela que o consumo médio nacional corresponde a apenas 18,09% do recomendado. A situação é mais crítica na Região Norte, onde a ingestão representa somente 9,49% da recomendação (Rebello et al., 2022).

O conhecimento sobre a importância do consumo de frutas e seus benefícios relaciona-se ao nível de instrução e, conseqüentemente, à capacidade de adquirir, processar e assimilar informações sobre o tema. Os entrevistados que declararam não saber responder sobre a importância de consumir frutas diariamente possuem nível básico de ensino. Depreende-se que, nas escolas, a temática não seja abordada com a profundidade necessária nas disciplinas de biologia ou ciências. Pesquisas em educação apontam para a necessidade de mudanças na grade curricular e indicam que o modelo tradicional de ensino, mais comprometido com a transmissão de conceitos teóricos do que com aulas práticas de botânica, distancia os alunos do ambiente e, conseqüentemente, das plantas (Maldaner, 2000; Silva; Ghilardi-Lopes, 2014; Amprazis; Papadopoulos, 2018).

A aprendizagem sobre a diversidade de espécies vegetais pode e deve ser significativa para os alunos em todos os níveis de ensino. Ao oferecer oportunidades de contato com a variedade de espécies na natureza, favorece-se a melhoria do aprendizado por meio da observação direta ou indireta em ambientes reais, um componente de sistemas educacionais mais amplos. No entanto, as aulas práticas de botânica nas escolas brasileiras de ensino fundamental e médio são escassas, e os equipamentos, métodos e tecnologias disponíveis são frequentemente precários, o que desestimula tanto alunos quanto professores (Silva; Ghilardi-Lopes, 2014; Nascimento et al., 2017).

O nível de instrução também foi determinante para o conhecimento sobre a distinção entre frutas exóticas e nativas. A maioria dos respondentes que afirmou saber distinguir as duas categorias possui ensino superior completo ou em andamento. Esse dado poderia sugerir que o público-alvo possui conhecimento adequado sobre frutos nativos. Entretanto, ao serem confrontados com uma lista de espécies, parte desses respondentes equivocou-se, indicando diversas frutas exóticas como nativas. Essa constatação destaca a necessidade de melhorias nos conteúdos de ensino, para expandir o conhecimento sobre a biodiversidade regional e aprimorar as interações entre as pessoas e o meio ambiente. Conhecer a biodiversidade é o primeiro passo para promover sua preservação (Turnhout et al., 2013).

De modo geral, considerando o conjunto de espécies apresentado na pesquisa, os participantes indicaram consumir as espécies nativas buriti, cupuaçu e pupunha. Embora tenha havido predomínio de preferência por frutas exóticas, é importante destacar essas frutas nativas.

Provavelmente, devido à alta riqueza vegetal da Amazônia e à influência da herança cultural, algumas poucas frutas nativas ainda se destacam no consumo e na preferência popular. O buriti, por exemplo, é uma espécie comum na região, com frutos disponíveis quase todo o ano e de acesso relativamente fácil, o que favorece até mesmo o comércio informal de frutas in natura e do vinho de buriti, amplamente vendido nas ruas das cidades acreanas. Essa prevalência, contudo, restringe-se a poucas espécies. De forma geral, o potencial alimentício das frutíferas nativas ainda é pouco valorizado pela população, em virtude de padrões culturais que privilegiam produtos e cultivos exóticos (Coradin et al., 2011; Tuler et al., 2019).

É positivo que ao menos três espécies nativas se destaquem no consumo entre os participantes. No entanto, é insatisfatório o desempenho no reconhecimento de espécies nativas do Acre por parte dos que afirmaram conhecer o conceito. Majoritariamente, espécies exóticas foram citadas como nativas, o que evidencia uma dificuldade (discapacidade) significativa em reconhecer a riqueza de espécies nativas da Amazônia. Essa disparidade pode levar a equívocos e à valorização excessiva apenas das frutas exóticas comercializadas.

Uma limitação do estudo é que os dados foram coletados principalmente pela internet, excluindo populações rurais ou tradicionais sem acesso à rede, que costumam se referir às frutas nativas como "fruta da mata". Essa ausência é relevante, pois se estima que esse público possua um conhecimento rico sobre o tema. Como observado em outros contextos, para essas comunidades, "o maior ganho para toda a família é o que você come sem ter que ir comprar", e as "frutas da mata" são reconhecidas por oferecer "nutrientes importantes e prevenção e cura de doenças" (Shanley; Medina, 2005). Portanto, capturar a perspectiva dessa população é considerado fundamental para um entendimento mais completo.

A concentração de respondentes com nível de instrução acima da média sugere que a maioria reside em centros urbanos de médio e grande porte. Assim, parte da dificuldade em reconhecer espécies nativas pode ser atribuída ao fato de a arborização urbana na maioria das cidades amazônicas contar com mais espécies exóticas do que nativas (Gonçalves; Paiva, 2017). É comum nas cidades acreanas encontrar mangueiras, jambeiros e azeitoneiras dividindo espaço com buritis em áreas naturais. A familiaridade com essas espécies domesticadas leva muitas pessoas, por desconhecimento, a acreditar que são nativas da região. O uso de espécies frutíferas exóticas no paisagismo reduz a oportunidade de conhecer as plantas nativas em seus habitats e pode facilitar invasões biológicas em áreas de vegetação circunvizinha (Fabricante et al., 2017).

A interpretação errônea da origem de uma espécie, ao confundir uma exótica com uma nativa, pode ter consequências e gerar impactos negativos na vegetação urbana. A azeitoneira (*Syzygium cumini* - Myrtaceae), por exemplo, é reportada como invasora em diversas regiões do Brasil e do mundo (Ziller et al., 2020), e sua regeneração já foi observada em fragmentos urbanos de Cruzeiro do Sul (observação pessoal). Embora a maioria das espécies exóticas introduzidas não cause problemas ecológicos, aquelas que se tornam invasoras podem representar grandes riscos aos ecossistemas, inibindo a regeneração de nativas e alterando a estrutura das comunidades (Mengardo et al., 2012; Pereira et al., 2020).

Diante da grandiosidade da biodiversidade amazônica, é crucial que conceitos como espécies nativas, exóticas, endêmicas e exóticas invasoras sejam amplamente esclarecidos e difundidos. Isso deve ocorrer tanto por meio da Educação Ambiental (EA) formal, conforme discutido, quanto pela EA informal, abrangendo meios de comunicação e representação social para, por exemplo, orientar melhor o planejamento da arborização urbana e a formulação de cardápios escolares. Apesar de as definições terem sido apresentadas no início da pesquisa, o fato de muitos respondentes que afirmaram conhecer os conceitos terem errado na identificação sugere que, na prática, não há clareza sobre seus significados. Fica evidente, assim, a falta de compreensão generalizada sobre o tema, o que reforça a urgência de ampliar sua abordagem tanto na EA formal quanto na informal.

## 5. Conclusão

Existe uma disparidade de consciência em grande parte da população no que se refere ao interesse e conhecimento sobre o que são espécies nativas, e sobre a valorização das espécies frutíferas nativas. As pessoas

que consomem mais frutas comercializadas são as mesmas que têm uma maior dificuldade em reconhecer as espécies de frutas nativas do Acre. Há também a tendência de as pessoas incluírem como nativas, aquelas plantas frutíferas exóticas comuns na arborização urbana, naturalizando a domesticação dessas espécies. A disponibilidade de frutas nativas nos comércios precisa ser incentivada, através de programas específicos de marketing, linhas de crédito para fomentar o cultivo e assim promover a diversificação da oferta desses recursos.

Esforços de EA no sentido de valorizar as frutíferas nativas constituem importante estratégia para a preservação e valorização da biodiversidade da Amazônia. Sendo assim, esforços precisam ser feitos para que não se perca também o conhecimento popular das espécies nativas. Além disso, reforça-se a importância de mais pesquisas acerca dos tratos de manejo, propagação, uso e comercialização de frutíferas nativas, bem como de políticas públicas de apoio a iniciativas de valorização de frutas nativas, pavimentando um importante caminho que vise também garantir a sustentabilidade da sociobiodiversidade da Floresta Amazônica.

## 6. Agradecimentos

Os autores agradecem a todos os respondentes que se disponibilizaram a preencher o formulário e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, pela concessão de bolsa durante o período de desenvolvimento desta pesquisa.

## 7. Referências

Acre, Governo do Estado do Acre. (2006). **Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. Fase II**. SECTMA - Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia, Meio Ambiente e Florestas, 210 p.

Ades, L., & Kerbauy, R. R. (2002). Obesidade: realidades e indagações. **Psicologia USP**, 13 (1), 197-216. DOI:10.1590/S0103-65642002000100010

Amprazis, A., & Papadopoulou, P. (2020). Plant blindness: a faddish research interest or a substantive impediment to achieve sustainable development goals?. **Environmental Education Research**, 26 (2), 1-24. DOI: 10.1080/13504622.2020.1768225

Amprazis, A., & Papadopoulou, P. (2018). Primary school curriculum contributing to plant blindness: Assessment through the biodiversity perspective. **Advances in Ecological and Environmental Research**, 3 (11), 238-256.

Araújo, L. E. B., & Rocha, M. C. A. (2018). Biodiversidade brasileira: biopirataria e a proteção dos conhecimentos tradicionais. **Revista Direito UFMS**, 4 (1), 57-73. DOI:10.21671/rdufms.v4i1.5484

Borges, M. L., Delgado, A. K. C., de Medeiros, R. A. B., da Câmara Figueredo, T., & Veloso, R. R. (2022). Consumo de frutas, legumes e verduras por discentes de instituições de ensino federal durante a pandemia do Covid-19. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, 11 (7), e18511729941-e18511729941. DOI:10.33448/rsd-v11i7.29941

Brasil. Ministério da Educação. (2018, maio 29). **Despacho de 29 de maio de 2018**. Diário Oficial da União, seção 1, n. 103, p. 32. <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=01/06/2020&jornal=515&pagina=32>

Brando, P. M., Barlow, J., Macedo, M. N., Silvério, D. V., Ferreira, J. N., Maracahipes, L., ... & Uribe, M. (2025). Tipping points of Amazonian forests: beyond myths and toward solutions. **Annual Review of**

*Environment and Resources*, 50 (1), 97-131. DOI:10.1146/annurev-environ-111522-112804

Buainain, A. M., Garcia, J. R., & Vieira, P. A. (2016). O desafio alimentar no século XXI: The food challenge of the twenty-first century. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 24 (2), 497-522.

Coradin, L.; Siminski, A.; Reis, A. (2011). **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro – Região Sul**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 934p.

Costa, E. A., Duarte, R. A. F., & Gama, J. A. D. S. (2019). A gamificação da botânica: uma estratégia para a cura da “cegueira botânica”. **Revista Insignare Scientia**, 2 (4), 79-99. DOI: 10.36661/2595-4520.2019v2i4.10981

Fabricante, J. R., Santos, J. P. B., de Araújo, K. C. T., & Cotarelli, V. M. (2017). Utilização de espécies exóticas na arborização e a facilitação para o estabelecimento de casos de invasão biológica. **Biotemas**, 30 (1), 55-63. DOI: 10.5007/2175-7925.2017v30n1p55

Fearnside, P. M. (2021). O valor intrínseco da biodiversidade da Amazônia. **Biodiversidade e Conservação**, 30 (4), 1199-1202.

Ferraz, I. F., Souza, M. A., de Sant'Anna, S. A. C., de Holanda Leite, M. J., Pessoa, T., Silva, J. C., ... & de Oliveira Santos, J. A. (2024) Viabilidade financeira e econômica de sistema de produção agroflorestal: uma revisão integrativa. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, 22(10), p. e6952-e6952.

Frisch, J. K., Unwin, M. M., & Saunders, G. W. (2010). Name That Plant! Overcoming Plant Blindness and Developing a Sense of Place Using Science and Environmental Education. In **The Inclusion of Environmental Education in Science Teacher Education** (pp. 143-157). Dordrecht: Springer Netherlands. DOI: 10.1007/978-90-481-9222-9\_10

Gonçalves, W.; Paiva, H. N. (2017) **Árvores para o ambiente urbano**. Viçosa: Editora Aprenda Fácil, 2 ed. 271p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). (2020). **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018: Análise do Consumo Alimentar Pessoal no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/24786-pesquisa-de-orcamentos-familiares-2.html>. Acesso em: 10 jan. 2026.

ICMBio. (2021). **Planos de Ação Nacional para Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção – PAN**. <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/pan>

Kellen, M. E. B.; Nouhuys, I. S. V.; Kehl, L. C.; Brack, P.; Silva, D. B. da. **Plantas alimentícias não convencionais (PANCs): hortaliças espontâneas e nativas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 44p., 2015.

Ledo, A.S. (1996). **Potencialidade da fruticultura no estado do Acre**. Rio Branco, AC: EMBRAPA-CPAF-AC, 16p.

Liesenfeld, M. V. A., Oliveira, K. S., & Silva, A. P. O. (2022). **Disparidade de consciência sobre as plantas: Efeitos na educação e na conservação da natureza**. In E. A. Araujo (Coord.), *Percepção ambiental em geoambientes no Vale do Juruá, Acre: Experiências de ensino-aprendizagem* (pp. 147–153). Edufac.

Lock, K.; Pomerleau, J.; Causer, L.; Altmann, D. R.; Mckee, M. (2005). The global burden of disease attributable to low consumption of fruit and vegetables: implications for the global strategy on diet. **Bulletin of the World Health Organization**, 83 (2), 100-108.

Maldaner, O. A. (2000). Concepções epistemológicas no ensino de ciências. In: **Aragão, R. et al. Ensino de Ciências: Fundamentos e Abordagens. CAPES/UNIMEP, 2000, p. 60-81.**

Mengardo, A.L., Figueiredo, C.L., Tambosi, L.R., & Pivello, V.R. (2012). Comparando o estabelecimento de uma espécie de palmeira invasora e uma endêmica na Mata Atlântica. **Ecologia e Diversidade de Plantas**, 5 (3), 345-354.

Morar, F., & Peterlicean, A. (2012). The role and importance of educating youth regarding biodiversity conservation in protected natural areas. **Procedia Economics and Finance**, 3, 1117-1121. DOI: 10.1016/S2212-5671(12)00283-3

Nascente, A. S., & Rosa Neto, C. (2005). O agronegócio da fruticultura na Amazônia: um estudo exploratório. Série Documentos / Embrapa Rondônia, ISSN 0103-9865. <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/859449>

Nascimento, B.M., Donato, A.M., Siqueira, A.E., Barroso, C.B., Souza, A.C.T., Lacerda, S.M. & Borim, D.C.D.E. (2017). Propostas pedagógicas para o ensino de Botânica nas aulas de ciências: diminuindo entraves. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias** 16 (2), 298-315.

Neves, L. C., Campos, A. J., Benedette, R. M., Tosin, J. M., & Chagas, E. A. (2012). Characterization of the antioxidant capacity of natives fruits from the Brazilian Amazon region. **Revista Brasileira de Fruticultura**, 34 (4), 1165–1173. DOI:10.1590/S0100-29452012000400025

Neves, L. C., Tosin, J. M., Benedette, R. M., & Cisneros-Zevallos, L. (2015). Post-harvest nutraceutical behaviour during ripening and senescence of 8 highly perishable fruit species from the Northern Brazilian Amazon region. **Food Chemistry**, 174 (1), 188-196. DOI:10.1016/j.foodchem.2014.10.111

Parsley, K. M. (2020). Plant awareness disparity: A case for renaming plant blindness. **Plants, people, planet**, 2 (6), 598-601. DOI:10.1002/ppp3.10153

Pereira, A. C. M., Santos, J. S., Santana, S. H. M., Silva, M. A. M., & Ferreira, W. N. (2020). Inventário florístico e percepção da população sobre a arborização urbana na cidade de Brejo Santo, Ceará. **Brazilian Journal of Development**, 6 (10), 75773-75792. DOI: 10.34117/bjdv6n10-124

Pilnik, M. S., de Machado, C. C., Fowler, L., Villa, B. M., Ribeiro, R. G., & Ming, L. C. (2022). Conservação da sociobiodiversidade na Resex Chico Mendes, Acre: desafios e perspectivas. **Ethnoscintia**, 7 (1), 109-143. DOI:10.18542/ethnoscintia.v7i1.11046

Piva, L. R. O., Sanquetta, C. R., Wojciechowski, J., & Corte, A. P. D. (2020). Phytosociology in forest communities of Radambras project in the Amazon Biome. **Biofix Scientific Journal**, 5 (2), 264–271. DOI:10.5380/biofix.v5i2.73668

- Rebello, F. K., Cardoso, N. R. P., Homma, A. K. O., dos Santos, M. A. S., & de Jesus, A. P. M. (2022). Frutas potenciais da Amazônia: Análise da preferência dos consumidores no município de Belém, estado do Pará. **Revista Orbis Latina-ISSN: 2237-6976**, 12 (3), 177-196.
- Ribeiro, F. S., dos Santos, J. T., de Souza, M. P., & Jardim, N. A. (2023). Os benefícios de uma alimentação saudável no combate aos sintomas da ansiedade. **Revista OWL (OWL Journal)- Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação**, 1 (3), 384-398. DOI:10.5281/zenodo.10210290
- Rodrigues, G., Santana, A., & Shinohara, N. (2021). De Norte a Sul: uma análise sobre as características econômicas e gastronômicas das principais frutas identitárias no Brasil. **Revista Augustus**, 27 (54), 29–47. DOI:10.15202/1981896.2021v27n54p29
- Romão, E. L., Bargas, D. C., Silva, L. A. G., & Melo, L. R. (2020). Percepção ambiental de alunos de graduação em engenharia sobre a importância da educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, 15 (1), 194–208. DOI:10.34024/revbea.2020.v15.10060
- Salatino, A., & Buckeridge, M. (2016). “Mas de que te serve saber botânica?” **Energia e Ambiente. Estudos Avançados**, 30 (87), 177–196. DOI:10.1590/S0103-40142016.30870011
- Sanders, D. L. (2019). Standing in the shadows of plants. **Plants, People, Planet**, 1 (3), 130–177. DOI:10.1002/ppp3.10059
- Santos, L. D. C. B., Raiol, R. D. O., Miranda, T. G., Sarah, A. T., da Silva Martins-Júnior, A., & Tavares-Martins, A. C. C. (2022). A Disparidade na Conscientização Botânica (DCB): um Estudo sobre a Percepção de Plantas. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, 26 (4), 429-433. DOI:10.17921/1415-6938.2022v26n4p429-433
- Schreiner, C. T. (2016). **Importância das frutíferas nativas para famílias agricultoras na Cantuquiriguaçu, PR**. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável), Universidade Federal da Fronteira Sul, Paraná, Brasil. Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/608>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- Shanley, P. & Medina, G. (2005). **Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica**. Belém: Editora da CIFOR/ Imazon. Disponível em: [https://www.cifor.org/publications/pdf\\_files/Books/BShanley0501.pdf](https://www.cifor.org/publications/pdf_files/Books/BShanley0501.pdf). Acesso em: 10 jan. 2026.
- Sharrock, S., & Jackson, P. W. (2017). Plant Conservation and the Sustainable Development Goals: A Policy Paper Prepared for the Global Partnership for Plant Conservation. **Annals of the Missouri Botanical Garden** 102 (2), 290-302. DOI: 10.3417/D-16-00004A
- Silva, J.N.; Ghilardi-Lopes, N.P. (2014). Botânica no ensino fundamental: diagnósticos de dificuldades no ensino e da percepção e representação da biodiversidade vegetal por estudantes. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, 13 (2), 115-136.
- Sousa, Y.S.O.; Gondim, S.M.G.; Carias, I.A.; Batista, J.S.; Machado, K.C.M. (2020). O uso do software Iramuteq na análise de dados de entrevistas. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 15 (2), p. 1-19.

- Souza, V. D. C., Oliveira, R. E., & Sais, A. C. (2022). Agro e biodiversidade na agricultura familiar: potencial de diversificação e conservação em paisagens desmatadas na Amazônia. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, 60, 73625. DOI: 10.5380/dma.v60i0.73625
- Ter Steege, H., Vaessen, R. W., Cárdenas-López, D., Sabatier, D., Antonelli, A., De Oliveira, S. M., & Salomão, R. P. (2016). The discovery of the Amazonian tree flora with an updated checklist of all known tree taxa. **Scientific Reports**, 6 (1), 29549. DOI:10.1038/srep29549
- Tuler, A. C., Peixoto, A. L., & Silva, N. C. B. D. (2019). Plantas alimentícias não convencionais (PANC) na comunidade rural de São José da Figueira, Durandé, Minas Gerais, Brasil. **Rodriguésia**, 70, e01142018. DOI:10.1590/2175-7860201970077
- Turnhout, E., Waterton, C., Neves, K., & Buizer, M. (2013). Rethinking biodiversity: from goods and services to “living with”. **Conservation Letters**, 6 (3), 154-161. DOI:10.1111/j.1755-263X.2012.00307.x
- Van Duyn, M. A. S., & Pivonka, E. (2000). Overview of the health benefits of fruit and vegetable consumption for the dietetics professional: selected literature. **Journal of the American Dietetic Association**, 100 (12), 1511-1521. DOI:10.1016/S0002-8223(00)00420-X
- Vieira, L. A., dos Santos, M. M. C., Vieira, T. A., dos Santos Oliveira, J., & da Silva Alves, H. (2020). Alimentação saudável sob o olhar da Educação Ambiental. **Research, Society and Development**, 9 (12), e45691211237-e45691211237. DOI:10.33448/rsd-v9i12.11237
- Wachelke, J. F. R., & Wolter, R. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 27 (4), 521-526. DOI:10.1590/S0102-37722011000400017
- Wandersee, J.H., & Schussler, E. E. (2001). Toward a theory of plant blindness.. **Plant Science Bulletin**, 47 (1), 2–9. Disponível em: <https://botany.org/psbarchive/view/issues/lct/user/pos/8>
- Ziller S, Zenni R, Souza Bastos L, Possato Rossi V, Wong L J, Pagad S (2020). Global Register of Introduced and Invasive Species - Brazil. Version 1.5. Invasive Species Specialist Group ISSG. Checklist dataset <https://doi.org/10.15468/i0avrm> accessed via GBIF.org on 2026-01-09.